



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

IDENTIDADE E IMAGINÁRIO SOCIAL: MULHERES NEGRAS EM CUBA APÓS 50 DE REVOLUÇÃO

Giselle Cristina dos Anjos Santos.

Mestranda do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo –
Universidade Federal da Bahia (PPG/NEIM - UFBA)

giselle.cdass@ig.com.br

Introdução

Ao aprofundarmos as análises do processo histórico-social cubano podemos verificar que a constituição desta sociedade foi marcada pela presença material e sócio-cultural de sujeitos africanos e seus descendentes, mulheres e homens negros escravizados, que através do trabalho forçado representaram a força motriz para a economia, da então colônia, de Cuba e a metrópole Espanha, a partir do século XVI.

Existe uma vasta produção historiográfica sobre a revolução cubana, diversos aspectos foram enfatizados, mas pouco se problematizou sobre as relações de gênero e raça no contexto de mudanças estruturais desta sociedade. Considerando as transformações sociais e estruturais ocorridas após a revolução de 1959, objetivamos analisar as representações e referenciais identitários de gênero e raça de mulheres negras; e o imaginário social constituído sobre as mesmas, após cinquenta anos de revolução, através das categorias analíticas de gênero e raça, compreendendo, a interseccionalidade das dimensões de opressão e subordinação social (CRENSHAW, 2002).

Através da história oral, método que busca a riqueza das micro-histórias e compreende a impossibilidade de encontrar memórias, visões e interpretações únicas do passado (JELIN, 2002), efetuamos trabalho de campo em La Habana - Cuba em março de 2009 (mês do dia internacional da mulher e ano em que se comemorou o 50º aniversário da revolução cubana), com o objetivo de interpelar lacunas e silenciamentos sobre a história das mulheres negras. Realizamos entrevistas com dez mulheres negras com idade igual ou superior a quarenta anos, o que representa terem vivenciado a revolução em si, ou os seus primeiros anos.

Desconstruindo concepções formuladas por noções biológicas da ciência androcêntrica, utilizaremos a categoria analítica de gênero, que compreende as relações entre mulheres e homens como construções histórico-culturais, marcadas por relações de poder (SCOTT, 1992). O conceito de raça não é entendido aqui a partir de uma noção



biológica, mas como um construto histórico que legitimou práticas de hierarquização social (STOLCKE, 1991). Buscamos refletir, ainda, através do conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), como diferentes sistemas de opressão se relacionam e se entrecruzam para fundamentar a hierarquização social.

Compartilhamos da linha discursiva de Stuart Hall (2005) no debate sobre as identidades sociais, conjunto de características pelas quais o indivíduo é associado a um grupo, enquanto uma categoria móvel, fluida e híbrida. A construção da identidade está associada a particularidades específicas de gênero, classe, raça, etnia, espaço geográfico e cultura. A identidade da mulher negra cubana não será encarada como eterna e imutável, mas como efeito de processos históricos e sociais. O conceito de imaginário que adotamos como referência para esta análise está presente em Baczkó (1985), que compreende os imaginários sociais como sistemas simbólicos coletivos, que constroem a identidade e auto-representação social, além de estruturar as relações de poder.

A revolução cubana representou e ainda representa um marco histórico que inspirou a esquerda latino-americana em suas estratégias para a construção dos projetos políticos de emancipação na segunda metade do século XX. As mulheres negras representavam a base da pirâmide social antes de 1959, o grupo de maior vulnerabilidade social (MORALES, 2007, p. 209). Por isto, compreender a concepção político-ideológica que direcionou as ações voltadas às mulheres e os negros, mas em especial a mulher negra após 1959, significa verificar o cerne e a magnitude do projeto político proposto e os níveis de rupturas e permanências com o sistema anterior.

Antecedentes Históricos

A constituição de Cuba no século XVI, como colônia espanhola, representou a formação de uma sociedade de estrutura hierárquica fundamentada em valores de classe, raça e gênero que inferiorizavam as mulheres, a população negra e os pobres. Para a construção e manutenção da estrutura das sociedades coloniais foi essencial para as elites o controle da sexualidade e capacidade procriativa feminina, através de sistemas de valores racistas e sexistas (STOLCKE, 1991b, p. 70).

Sob a administração espanhola, a ilha de Cuba teve um dos sistemas escravistas mais importantes do século XIX. Após a revolução no Haiti houve o auge da indústria açucareira cubana entre 1790 e 1820, quando a população escravizada trabalhava até vinte



horas por dia (CASTAÑEDA, 2008, p. 348). Em 1817 a população negra ultrapassou quantitativamente o percentual da população branca. Apesar da abolição da escravidão ter ocorrido apenas em 1886, a penúltima do continente americano, ficando atrás apenas do Brasil, nas décadas de 1830 e 1840 cerca de 23% da população urbana era de negros livres (MENA, 2007, p. 75).

As mulheres negras tiveram sua experiência forjada pela interseccionalidade de sistemas combinados de opressão de gênero, classe e raça que vigoraram nos discursos disciplinadores médico-higienistas durante o século XIX e o início do século XX. O doutor Ramón Alfonso, secretário da *Comisión de Higiene Especial*, afirmou em 1902 que as mulheres negras viviam “*en constante promiscuidad (...) y favorecidas por todos los medios de su instinto lascivo para que procreara. No podían ser más que unas prostitutas y no podían dar más que hijas prostitutas también*” (ALFONSO, 1902, *apud* GARCÍA, 2009). Foi construído o discurso de que mulheres negras e “mulatas” tinham a libido sexual exacerbada e o contato sexual com elas produzia enfermidades de ordem física e moral (ÁLVAREZ, 2003, p. 20; KNEESE, 2005, p. 444; MENA, 2007, p. 78). Estes discursos construíram um imaginário social preconceituoso que fomentou a produção do desempoderamento social deste grupo.

Mas, as mulheres de maneira geral, independente da classe ou raça, foram excluídas do projeto político de modernização da cidade de La Habana encabeçado pela elite crioula do século XIX, que também arquitetou a independência política de Cuba do Estado espanhol reafirmando velhas hierarquias sociais. Contudo, a população marginalizada das estruturas de poder, mulheres e negros, criaram mecanismos de resistência, negociando sua circulação nos espaços sociais de poder (MENA, 2007, p. 82).

O processo de independência cubano foi bastante tortuoso¹. A interferência política do governo norte-americano marcou a história de Cuba, inclusive no que tange as relações de gênero. Em 1919 foi instaurada nos Estados Unidos a lei seca (Volstead Act), que proibia a venda de bebidas alcoólicas, os empresários que tiveram seus negócios fechados

¹ O processo de independência de Cuba frente à Espanha foi bastante complexo, assim como os outros processos de independência latino-americanos. Houve duas guerras contra o poderio espanhol, a Grande Guerra de 1868 a 1878 e o segundo conflito de 1895 a 1898. Porém, o governo dos Estados Unidos agiu de maneira estratégica e interveio na segunda guerra contra a Espanha. Com a derrota do país europeu, o governo norte-americano assinou um acordo que garantia a administração política de Cuba, e a ilha passou a ser seu protetorado. Tal condição permaneceu de 1898 até 1902, quando se funda a República de Cuba, porém permaneceu a interferência política do governo norte-americano na ilha até a revolução de 1959.



passaram a abrir bares e cabarés em La Habana. Através da música e do cinema, o mercado turístico norte-americano construiu o imaginário social de que Cuba era o país da desinibição sexual (ÁLVAREZ, 2003, p. 22). A sociedade cubana ficou conhecida internacionalmente como “bordel norte-americano”² e os produtores desta propaganda sexualizada se apropriaram de hierarquias de gênero e raça já existentes nesta sociedade, construindo como ícones de sexualidade lasciva as mulheres negras e “mulatas”.

Revolução de 1959: Gênero e raça

Com a derrocada da ditadura de Fulgêncio Batista em 1º de janeiro de 1959, o governo revolucionário, na direção do Movimento 26 de Julho³, priorizou investimentos nos setores de educação, saúde e emprego, considerados setores fundamentais para o desenvolvimento social. Tais ações propiciaram transformações significativas, principalmente para a população mais pobre. O governo revolucionário possuía orientação nacionalista e anti-imperialista, mas se declarou socialista em abril de 1961, após a invasão da Praia Girón e a ruptura de relações definitivas com o governo norte americano, que financiou a tentativa de golpe. A partir de então, o vínculo político com a URSS se tornou cada vez mais estreito (GOTT, 2006, p. 213).

Os primeiros anos da revolução foram momentos de grande efervescência política e participação popular. Demonstrou-se imprescindível a constituição de novos valores sociais, compatíveis com a nova sociedade socialista. Para Ernesto Che Guevara somente seria possível efetivar a transformação do modo de produção econômica com a transformação da consciência individual e a criação do “*homem novo*” (GUEVARA, 2005, p. 51). Os novos valores socialistas não eram sistemas de valores isolados da vida cotidiana, eles eram reafirmados nos espaços de trabalho, educação, na imprensa, produção cultural, nas organizações de massa, que possuíam base em todos os bairros e na nova legislação, ou seja, na vida pública e privada. Segundo Baczkó (1985, p. 309) o manusear de símbolos através de elementos discursivos e empíricos é fundamental para a

² Os índices referentes ao turismo internacional passaram de 33.000 em 1914 para 200.000 turistas em 1945, e o número de cabarés e casas de prostituição registradas oficialmente, foram de 4.000 em 1912 para mais de 13.000 estabelecimentos em 1950 (ÁLVAREZ, 2003, p. 23).

³ Grupo combatente da ditadura de Fulgêncio Batista, o Movimento 26 de julho recebeu esse nome em homenagem ao assalto frustrado ao Quartel Moncada, em Santiago de Cuba no ano de 1953, esta ação foi liderada por Fidel Castro. O grupo se reestruturou novamente fora do país, retornou a Cuba em 1956, e após anos de guerrilha assumiu o poder em 1959 com o êxito revolucionário.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

transformação de imaginários sociais para justificar ações políticas, conflitos sociais e revoluções, corroborando para a legitimação do grupo em exercício no poder.

Segundo Norberto Bobbio (1997) os intelectuais exercem a função de refletir sobre as coisas e elaboram os princípios com os quais as ações são legitimadas socialmente. No contexto cubano os intelectuais desenvolveram um papel primordial para a legitimação do novo governo. Houve uma intensa efervescência na produção intelectual e cultural, com o surgimento de novos jornais, editoras e o crescimento da produção cinematográfica. Entretanto, houve inúmeras tensões na relação entre política, produção intelectual e manutenção da autonomia.

Nos primeiros anos do pós-revolução desenvolveu-se a política de institucionalização cultural, com o surgimento de organismos voltados para a ampliação da produção cultural dentro dos novos paradigmas revolucionários⁴. Ficou famoso o discurso de Fidel Castro pronunciado em 1961, conhecido como *Palavras aos Intelectuais*,

La Revolución tiene que comprender esa realidad, y por lo tanto debe actuar de manera que todo ese sector de los artistas y de los intelectuales que no sean genuinamente revolucionarios, encuentren que dentro de la Revolución tienen un campo para trabajar y para crear; y que su espíritu creador, aun cuando no sean escritores o artistas revolucionarios, tiene oportunidad y tiene libertad para expresarse. Es decir, dentro de la Revolución. Esto significa que dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada (CASTRO, 1961).

A máxima “*dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada*” revelou a perspectiva dicotômica e a política de cerceamento que estaria por vir no decorrer dos anos, com a inviabilidade de divulgação do trabalho de inúmeros intelectuais, o recolhimento de livros, as prisões na *Unidad Militar de Ayuda a la Producción* (UMAP) e em hospitais psiquiátricos, assim como o ostracismo dedicado aos que não se enquadraram nas diretrizes do governo revolucionário. No entanto, questionamos o que mudou para as mulheres negras que vivenciavam a experiência da interseccionalidade de diferentes eixos de opressão social?

O economista cubano Esteban Morales (2007, p. 209) defende que houve distinções no tratamento da temática racial e de gênero após a revolução, pois as mulheres puderam se articular em uma organização específica e receberam políticas sociais, já os negros

⁴ Foram criadas instituições como a *Unión de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC), o *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficas* (ICAIC), a *Casa de las Américas* e o *Consejo Nacional de Cultura*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

foram anulados enquanto grupo social. Mas, acreditamos que tais distinções foram apenas aparentes, no cerne das ações do Estado socialista cubano não houve espaço para as particularidades de nenhum grupo social.

Havia inúmeras organizações de mulheres em Cuba antes da revolução. Até que, em 23 de agosto de 1960, fundou-se a *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC). Nas palavras da presidenta Vilma Espín Guillois⁵, “*Las mujeres cubanas, bajo la orientación directa de nuestro gran líder Fidel, tomamos el camino de la unidad, fundiéndonos en una sola organización.*” (ESPÍN, 1990, p. 6) Atuando junto a outras organizações de massas⁶, a FMC surgiu com a finalidade de integrar a mulher à nova sociedade, visando o seu aperfeiçoamento social e cultural, representando a ponte entre o Estado e as mulheres.

Corroborando com a perspectiva de constituir novos valores sociais, foi entregue à FMC o Código de Família em 1975. Baseado na moral socialista e com inspirações na legislação vigente na Rússia, o Código de Família passou a definir o papel de mulheres e homens no lar ratificando os preceitos defendidos na nova sociedade. No próprio documento estão resumidos os seus principais objetivos:

Al fortalecimiento de la familia y de los vínculos de cariño, ayuda y respeto recíprocos entre sus integrantes;
Al fortalecimiento del matrimonio legalmente formalizado o judicialmente reconocido, fundado en la absoluta igualdad de derechos de hombre y mujer;
Al más eficaz cumplimiento por los padres sus obligaciones con respecto a la protección, formación moral y educación de los hijos para que se desarrollen plenamente en todos los aspectos y como dignos ciudadanos de la sociedad socialista;
A la plena realización del principio de la igualdad de todos los hijos.
(MINISTERIO DE JUSTICIA, 1977, p. 284-285).

A ideologia da moral socialista presente no Código de Família foi baseada em referenciais da família nuclear, heterossexual e monogâmica que reafirmaram valores da moral burguesa.

⁵ Vilma Espín Guillois, uma das mulheres que combateu em Sierra Maestra, casou-se com Raul Castro, atual presidente da ilha, em 1959. Presidenta da FMC desde a fundação em 1960, Vilma manteve-se á frente da organização até a sua morte aos 77 anos, em julho de 2007.

⁶ Criadas a partir da iniciativa estatal, algumas das organizações de massas são: Comités de Defensa de la Revolución, Asociación de Jóvenes Rebeldes, Asociación Nacional de Agricultores Pequeños, a Unión de Escritores y Artistas de Cuba, Federación de Estudiantes Universitarios. Surgiram outras inúmeras organizações no decorrer dos anos, atualmente são cerca de 170.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Com relação à questão racial, o governo revolucionário assumiu a existência de desigualdades, mas declarou tê-las superado em 1962, com a eliminação do racismo institucionalizado e aspectos jurídicos que impediam a igualdade de direitos (GOTT, 2006; MORALES, 2007; FUENTE, 2001). Segundo Morales (2007, p. 206), já que para as autoridades o racismo havia sido superado, passou-se a tratar a temática racial como um tabu, e os que tentaram questionar tal silenciamento foram reprimidos ideológica e politicamente. Criou-se um ambiente social onde se auto-afirmar racialmente ou tratar sobre a desigualdade racial era visto enquanto retrocesso social, e interpretado como sinônimo de racismo às avessas.

A trajetória de alguns intelectuais e cineastas negros, como Nicolás Guillén, Walterio Carbonell e Sara Gómez, demonstram as tensões existentes entre incorporação e ostracismo, visibilidade e silenciamento existentes na conduta do Estado revolucionário destinada à quem questionou a política racial.

Nicolás Guillén, principal expoente da poesia negrista em Cuba na década de 1930, exaltou a contribuição da cultura africana à constituição da cultura cubana em suas poesias e denunciou de maneira inovadora o racismo vivenciado pela população negra. Guillén era integrante do Partido Comunista de Cuba desde 1937 e por este motivo foi vítima de muitas perseguições políticas. Após 1959 Guillén foi eleito o “*poeta nacional de Cuba*” e com as políticas de institucionalização cultural e a criação da UNEAC em 1961, foi designado presidente da organização, posição onde permaneceu até a sua morte em 1989. Porém, o poeta passou a defender que após a revolução a desigualdade racial havia sido superada. Ao ser entrevistado Nicolás Guillén afirmou,

Aqui mesmo em Cuba antes da revolução, explicava-se a negritude ou o negrismo como reivindicação dos valores artísticos, políticos, culturais, humanos, enfim, do negro ante a discriminação ou a escravidão, isto é, sua profunda figuração na cultura nacional. Era uma das manifestações da luta de classes. Mas quando uma revolução apaga essa luta e dá o poder à classe operaria sem levar em conta a cor da pele, esse conceito de superioridade ou de diferenciação racial deixa de existir (GUILLÉN, 2005, p. 30).

Já, o destacado intelectual negro Walterio Carbonell publicou em 1961 o livro *Cómo surgió la Cultura Nacional*, onde demonstrou de maneira inovadora a importância da cultura negra na formação da sociedade cubana, e a partir da perspectiva marxista apontou a necessidade de se tratar sobre a temática racial mesmo depois da revolução



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(CARBONELL, 2008). Porém, o livro não condizia com o discurso oficial que afirmava a superação da desigualdade racial, o livro foi recolhido das livrarias e Walterio Carbonell foi preso e enviado para uma UMAP, onde passou anos. Após sua libertação, com sérios problemas de saúde adquiridos no período em que estava preso, Carbonell viveu no ostracismo absoluto até quando seu livro foi reeditado⁷ em 2004. O intelectual faleceu no ano de 2008.

Sara Gómez foi à única cineasta negra a fazer parte do ICAIC até a década de 1970. Ela produziu documentários sobre religião e pobreza, onde debateu o machismo e o racismo ainda existentes na sociedade pós-revolucionária. Sara foi alvo de terríveis críticas, pois além de seu posicionamento político divergir do discurso oficial, existia a suspeita de ela ser lésbica, e o homossexualismo também foi uma prática condenada após a revolução, definida como *conduta imprópria*⁸. Em seu último filme *De cierta manera*, colocou em evidência a condição social da população negra, denunciando que os negros estavam na periferia da cidade de La Habana e na periferia do regime socialista. Sara morreu durante a produção deste filme em 1974 aos 31 anos de idade de pneumonia crônica, mas existem suspeitas de suicídio (VILLAÇA, 2006, p. 220)

A posição destacada de Nicolás Guillén, considerado o “*poeta nacional de Cuba*”, denota que a incorporação de alguns intelectuais e cineastas negros nas instituições estatais era possível, até porque, seria uma política estratégica para invisibilizar o grande desequilíbrio racial nos espaços de poder e status dentro do regime. Porém, a inclusão e a permanência dos poucos negros que alçaram estes espaços, somente seria possível se seu discurso estivesse alinhado à perspectiva das instituições culturais e, conseqüentemente, a perspectiva estatal, ou estaria reservado a eles o ostracismo, a invisibilidade social, e o aprisionamento.

⁷ Esta reedição foi comemorativa, pouquíssimas pessoas tiveram acesso ao livro que foi recolhido na década de 1960 e condenou Walterio Carbonell ao ostracismo.

⁸ Foi declarado em uma das resoluções finais do primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba, no ano de 1971 “(...) não se pode permitir que por seus ‘méritos artísticos’, reconhecidos homossexuais influenciem a formação de nossa juventude. Como conseqüência, é necessário analisar como se deverá encarar a presença de homossexuais nos diversos organismos da frente cultural. Sugeriu-se o estudo de medidas que permitam o encaminhamento para outros organismos daqueles que, sendo homossexuais, não devam ter participação direta na formação de nossa juventude a partir de atividades artísticas ou culturais.” RESOLUÇÕES do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba. São Paulo: Livramento, 1980, p. 29.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os intelectuais e cineastas negros foram perseguidos, centenas de organizações negras foram fechadas, como as *Sociedades de Color*, coletivos de apoio mútuo existentes desde o período colonial que possuíam instâncias femininas destinadas às mulheres negras (GOTT, 2006, p. 201). As organizações negras e, mais especificamente, as organizações de mulheres negras propiciam a construção da auto-identidade positiva que se contrapõe aos discursos hostis e desumanos do racismo. Porém, no caso cubano, em prol da unidade nacional e reafirmando uma velha leitura dos políticos no poder que compreendiam a questão racial como divisionista (FUENTE, 2001, p. 107), a população negra não se aglutinou em organizações próprias e não recebeu políticas sociais direcionadas às suas especificidades.

As pesquisadoras Selier e Hernández (2002) realizaram uma investigação sobre a identidade racial da população negra em La Habana, onde verificaram o desconhecimento sobre a contribuição do negro na história da nação cubana por parte dos entrevistados, e questionam, “¿Hacia dónde va un grupo privado de su historia?” (2002, p. 85). As primeiras pesquisas sobre a condição social das mulheres foram desenvolvidas pela própria FMC, diferente da produção intelectual sobre as relações raciais que é quase inexistente. Contudo, ainda maior que o silenciamento sobre as questões raciais, são as pesquisas sobre os sistemas combinados de desigualdades vivenciados pelas mulheres negras.

Após a revolução houve uma intensa valorização do grupo social constituído pelas mulheres, não obstante, foi construído o estereótipo da “nova mulher” onde foram ressaltados aspectos de interesse do governo revolucionário, como a maternidade e a incorporação feminina ao trabalho. A FMC foi criada por iniciativa estatal para priorizar os interesses do Estado e da sociedade como um todo e não para fortalecer a identidade de um grupo específico (BOBES, 2000, p. 112). Os discursos e ações políticas da FMC são paradoxais, em certa medida foram reafirmados velhos papéis atribuídos às mulheres, como a responsabilidade do trabalho doméstico e cuidado dos filhos, ao mesmo tempo a organização contribuiu para o desenvolvimento educacional e a independência financeira das cubanas. O governo revolucionário cubano foi contrário tanto ao movimento negro, como ao movimento feminista, construiu-se um imaginário social negativo sobre o feminismo, visto como um movimento essencialmente burguês.



As ações políticas da FMC foram abaladas com a crise econômica, desde o final da década de 1980. Com a queda do bloco soviético, a base de relações políticas e econômicas de Cuba após 1959, adentrou-se a uma profunda crise econômica denominada de período especial⁹. Com isto, houve mudanças estruturais significativas na sociedade, crescem os índices de desigualdades sócio-econômicas, houve a abertura para o turismo internacional, o retorno do fenômeno social da prostituição, além de ter-se explicitado que as dimensões do racismo e do machismo não foram apagadas do imaginário e das práticas sociais cotidianas.

Atualmente, mesmo com pouquíssimas diferenças nos índices de escolaridade, a população negra ainda é desprivilegiada no âmbito do trabalho. A estrutura racial do emprego entre a população economicamente ativa são de 14,4% negros (13,4% homens e 16,3% mulheres); mestiços 19,8% (19,7% homens e 19,9% mulheres); contra 65,8% de brancos empregados. E quanto mais altos os postos de trabalho é menor a incidência de pessoas negras, principalmente nos setores de trabalhos emergentes, que representam acesso a moedas estrangeiras de maior valor econômico (MORALES, 2007, p. 187). Contudo, somente em 2003, ou seja, quarenta e quatro anos após a revolução, o Estado socialista reconheceu a permanência de desigualdades de base racial na ilha. No discurso¹⁰ Fidel Castro estabeleceu comparações entre mulheres e negros,

Dicho con palabras más crudas y fruto de mis propias observaciones y meditaciones: habiendo cambiado radicalmente nuestra sociedad, si bien las mujeres, antes terriblemente discriminadas y a cuyo alcance estaban sólo los trabajos más humillantes, son hoy por sí mismas un decisivo y prestigioso segmento de la sociedad que constituye el 65 por ciento de la fuerza técnica y científica del país, la Revolución, más allá de los derechos y garantías alcanzados para todos los ciudadanos de cualquier etnia y origen, no ha logrado el mismo éxito en la lucha por erradicar las diferencias en el status social y económico de la población negra del país, aun cuando en numerosas áreas de gran trascendencia, entre ellas la educación y la salud, desempeñan un importante papel. (CASTRO, 2003)

Porém, questionamos sobre quais mulheres Fidel Castro se refere, afinal dentro do grupo de mulheres cubanas existe uma diversidade entre mulheres brancas e não brancas. Com isto, percebemos a invisibilidade social destinada à mulher negra, pois mesmo entre

⁹ Sobre essa temática, ver HAVRANEK (1998); BOBES (2001).

¹⁰ Das dez mulheres entrevistadas apenas uma tinha conhecimento sobre o citado discurso de Fidel Castro.



os grupos sociais marginalizados que faz parte, negros e mulheres, sua figura é invisibilizada.

Além de demonstrar as permanências do racismo, o período em estudo revelou as permanências e continuidades do machismo. Com o fechamento de serviços que visavam diminuir o trabalho doméstico e a permanência de antigos papéis sociais atribuídos as mulheres, elas se encontram sobrecarregadas em duplas ou triplas jornadas de trabalho (BOBES, 2001, p. 88). Além disso, a partir de pesquisas como a de Delgado (2006) que investigou as condições sociais de mães solteiras de um bairro da cidade de La Habana, é possível afirmar que tal crise econômica e desigualdade de gênero se intersecciona ao sistema de opressão racial, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento de mulheres negras.

Mesmo depois de cinquenta anos de revolução, o imaginário social sobre a mulher negra em Cuba representa invisibilidade e erotização. Em uma pesquisa sobre a representação gráfica e os estereótipos da mulher negra na publicidade, constatou-se a sua quase inexistência e invisibilidade. Porém, quando a sua figura é representada, é basicamente em anúncios de turismo onde jovens negras e mestiças aparecem semi-nuas (GUILLARD, 2004).

Uma de nossas entrevistadas relatou,

De manera que se yo nací una mujer negra cubana y soy joven, no puedo ser otra cosa, incluso se soy universitaria, que prostituta. Yo de alguna manera voy a intentar prostituirme, para sacar partido de esto, para la sociedad, voy tentar acercarme de esto, mismo que yo aun pertenezca al mundo de la intelectualidad, soy una negra cubana.¹¹

Nota-se a permanência de um antigo imaginário social preconceituoso sobre a mulher afro-cubana. E a FMC, que tinha como objetivo integrar à nova mulher a sociedade, nunca se ateu as particularidades do subgrupo de mulheres negras que não se encontravam em condições sociais iguais e não possuíam a mesma representação social que as demais mulheres. Sob a rubrica da unidade limitou-se a existência de discursos divergentes, foram extintas as organizações femininas existentes antes da criação da FMC, entre elas as frentes femininas das *Sociedades de Color*. Assim como em 1996 foi dissolvida pelo *Comite Central del Partido Comunista de Cuba* a *Asociación de Mujeres Comunicadoras*, conhecida como *Magín*, que surgiu em 1993 com o objetivo de intervir

¹¹ Entrevista concedida em 14 de março de 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

nos meios de comunicação e saúde a partir de questionamentos sobre a figura da mulher baseando-se no conceito de gênero. A associação foi acusada de duplicar organizações já existentes, entre elas a *Unión de Periodistas*, a *Asociación de Publicitarios* e a FMC (VIGIL, 1998).

No desenvolvimento de nosso trabalho de campo ficou evidente a dificuldade da maioria de nossas entrevistadas em tratar sobre sua identidade racial, já a identidade de gênero, sua experiência enquanto mulheres, foi exaltada por quase todas. Porém, questionamos a possibilidade de individualizar a experiência identitária, compreender a experiência feminina sem a raça, assim como a raça sem o gênero, sendo estes socialmente inferiorizados ou não. O que explicita as complexidades e tensões na construção identitária das mulheres afro-cubanas.

Á guisa de conclusão

Apesar da aparente distinção entre as políticas de gênero e raça no período pós-revolucionário, acreditamos que uma mesma lógica permeou o cerne das ações. A questão racial foi compreendida enquanto divisionista por diferentes grupos políticos desde as guerras de independência, inclusive depois de 1959. Já com relação às mulheres, foi interessante tê-las organizadas enquanto grupo social atuando em pró da revolução, entretanto, o despertar das especificidades enquanto grupo diferenciado e a autonomia do movimento de mulheres também representou incomodo ao governo cubano que centrou suas ações na economia e na produção, compreendendo as particularidades de gênero e raça como secundárias, além do entendimento da necessidade de um discurso unitário e cristalizador para a manutenção de sua força política.

As transformações sociais que ocorreram após a revolução representaram ganhos à população cubana, inclusive as mulheres negras, porém o racismo e o sexismo não são apenas problemas de distribuição desigual de recursos, mas constituem também sistemas de idéias e valores que compõem o imaginário social. Antes de situar o racismo em um contexto histórico e político, além do ataque ao imaginário social preconceituoso, vão existir resquícios e permanências da subordinação social das mulheres negras.

A ênfase na “unidade nacional” para o alcance das transformações sociais sustentou-se pelas inúmeras tentativas de contra-revolução financiadas pelo governo norte-americano, como a invasão da Praia Girón em 1961. Porém, tal perspectiva não significou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

apenas afirmação anti-imperialista, mas o silenciamento de parcelas significativas da população, que inseridas em uma lógica dicotômica só poderiam estar contra ou a favor da revolução em sua totalidade.

O reconhecimento das contradições internas de uma sociedade por parte dos indivíduos que a compõem e o governo que a administra representa um complexo exercício de potencial efetivamente transformador, e este poderíamos denominar de revolução.

Bibliografia:

- ÁLVAREZ, I. El discurso sexual como valor de identidad nacional de lo cubano. **Revista de Humanidades**, Monterrey, n. 14, 2003, p. 13-35.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. (org.) **Enciclopédia Einaudi**. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.
- BOBES, V. C. Las mujeres cubanas ante el período especial: ajustes y cambios. **Debate Feminista**, Ciudad de México, v.12, nº 23, p. 67-96, 2001.
- _____. Participación Vs. Identidad: Mujeres en el espacio público cubano. **Perfiles Latinoamericanos**, Ciudad de México, nº 15, p.99-118, 2000.
- CARBONELL, W. Cómo surgió la cultura nacional. **Revista Caminos**, La Havana, 2008, p.10-14.
- CASTAÑEDA, D. F. La mujer negra esclava en el siglo XIX cubano: su papel en la economía. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiânia, vol. VIII, nº 16, p. 339-361, 2008.
- CASTRO, F. R. **Discurso pronunciado por el Presidente de la República de Cuba Fidel Castro Ruz, en la clausura del Congreso Pedagogía 2003, en el teatro "Karl Marx"**. 2003. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2003/esp/f070203e.html>> Acesso em: 15 mai. 2008.
- CASTRO, F. R. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario y secretario del PURSC, como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>> Acesso em: 18 jun. 2010.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, 2002.
- DELGADO, L. A. del C. **Un estudio de las condiciones de vida de las madres solas del Consejo Popular Víbora Park: Análisis de la variable racial**. 2006. 91 f. (Tesis de Diploma) Facultad de Filosofía, Historia y Sociología - Universidad de La Habana, La Habana, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- ESPÍN, V. G. **Informes centrales de los congresos de la FMC**. La Habana, Imprenta Central de las FAR, 1990.
- FUENTE, A. de la. La “raza” y los silencios de la cubanidad. Madrid, **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**, n. 20, pp. 107-118, 2001.
- GARCÍA, A. Nociones de honor, género y raza: La regulación del cuerpo femenino en Cuba en los contextos históricos coloniales y neocoloniales. **Revista Sexología y Sociedad**, La Habana, año 15, n. 41, 2009. Disponível em: <www.cenesex.sld.cu/webs/honor.htm> Acesso em: 10 dez. 2009.
- GOTT, Richard. **Cuba, uma nova história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.
- GUILLARD, N. La mujer negra, su representación gráfica y los estereotipos en la publicidad. **Revista Panorama da Realidade Cubana: UNB**, v. II, 2004. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ceam/nescuba/artigos/pano221.htm>> Acesso em: 7 fev. 2006.
- GUEVARA, Che. **Socialismo e juventude**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005.
- GUILLÉN, Nicolás. **Sôngoro Cosongo e outros poemas**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10º ed. Rio de Janeiro: PP&A, 2005.
- HAVRANEK, A. Cuba na atualidade: o impasse e o silêncio. In COGGIOLA, O. (org). **Revolução cubana: Histórias e problemas atuais**. São Paulo: Xamã, 1998, p.155-167.
- JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. España/Argentina: Siglo XXI, 2002.
- KNEESE, Tamara. La mulata: Cuba’s national symbol. **Cuba in transition**, Miami, v. 15, p. 444-452, 2005.
- MENA, Luz. Raza, género y espacio: Las mujeres negras y mulatas negocian su lugar en La Habana durante la década de 1830. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, nº26, p. 73-85, 2007.
- MINISTERIO DE JUSTICIA. **La mujer en Cuba socialista**. La Habana: Empresa Editorial Orbe, 1977.
- MORALES, E. **Desafíos de la problemática racial en Cuba**. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2007.
- RESOLUÇÕES do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba. São Paulo: Livramento, 1980.
- SELIER, Y. HERNÁNDEZ, P. Identidad racial de “gente sin historia”. **Revista Caminos**, La Habana, n.24-25, p. 84-90, 2002.
- STOLCKE, V. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 101-119, 1991.
- _____. Mulheres invadidas: sexo, raça e classe na formação da sociedade colonial. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-73, 1991b.
- VIGIL, M. L. Cubanas: trazos para un perfil, voces para una historia. **Revista Envío**, Managua, n. 200, 1998. Disponível em: <www.envio.org.ni/articulo/398> Acesso em: 15 jun. 2006.
- VILLAÇA, M. M. **O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 2006.